

**SEMIÓTICA E SUA APLICAÇÃO AO TEXTO  
LITERÁRIO: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR  
DE USAR A TEORIA E PRÁTICA EM SALA DE AULA**

***SEMIOTICS AND ITS APPLICATION TO THE LITERARY  
TEXT: AN INTERDISCIPLINARY PROPOSAL AND USING  
THEORY AND PRACTICE IN CLASSROOM***

d.o.i. 10.13115/2236-1499v2n19p473

**Ricardo Santos David<sup>1</sup>  
Renato Santos David<sup>2</sup>**

**Resumo:** A semiótica francesa entrou em convivência com outras correntes da semiótica, no caso em questão faremos algumas citações de Greimas ao longo do texto. Verificamos como formar um conjunto teórico aberto e crítico que, desde então, esprou-se numa variada gama e campos. Nosso foco é abordar a teoria e análise literária. A vocação interdisciplinar da semiótica, como uma ciência da comunicação, também se dilatou na multi e transdisciplinaridade, propiciamos o diálogo e intercâmbio conceitual com a epistemologia, a história das ciências, as ciências sociais, a psicologia educacional, a psicanálise e chegamos à literatura, etc. As situações práticas de comunicação envolvem, em geral, a atuação simultânea de

---

<sup>1</sup> Pós - Doutorado em Educação: Formação de Professores e Psicologia Educacional - FCU - Florida Christian University - Orlando - USA. Pesquisador, Colaborador, Livre Docente - Líder do Grupo de Pesquisa Ciências da Língua(gem) - entre Europa, América Latina e EUA. E-mail: ricardosdavid@hotmail.com. GERENTE EXECUTIVO NA EMPRESA FOCO DO CLIENTE - Brasil - Revisor de Textos Oficial de Língua Portuguesa. E-mail: ricardosdavid@hotmail.com

<sup>2</sup> Estuda Bacharelado e Licenciatura em Letras -ênfase em Semiótica ( ensino de línguas estrangeiras e língua materna) USP - Universidade de São Paulo. E-mail: renatosdavid@hotmail.com

símbolos, índices e ícones. Podemos identificar contextos em que um desses modos de representar sobressai aos demais, tornando-se determinante para a compreensão do texto. A semiótica deve ser entendida e aplicada como interpretação e compreensão textual, para formar alunos capazes de compreender os processos e exercer suas funções críticas na realidade social em que estão inseridos. O objetivo deste artigo científico é descrever situações de leitura verificar nas qual a ênfase em cada uma dessas formas de representação determina a apreensão de sentidos específicos nos poemas e textos narrativos.

**Palavras-chave:** Semiótica; Texto Literário; Transdisciplinaridade; Polissemia; Interdiscursividade.

**Abstract:** The French semiotics came into contact with other currents of semiotics; in the case in question we will make some quotes from Greimas throughout the text. We have verified how to form an open and critical theoretical set that has since spread in a wide range and fields. Our focus is on literary theory and analysis. The interdisciplinary vocation of semiotics, as a science of communication, has also expanded in multi and transdisciplinary, we foster dialogue and conceptual exchange with epistemology, history of the sciences, social sciences, educational psychology, psychoanalysis and we come to literature, etc. Practical communication situations usually involve the simultaneous operation of symbols, indexes and icons. We can identify contexts in which one of these ways of representing excels to the others, becoming determinant for the understanding of the text. Semiotics should be understood and applied as textual interpretation and comprehension to form students capable of understanding the processes and performing their critical functions in the social reality in which they are inserted. The purpose of this paper is to describe reading situations in which the emphasis on each of these forms of

representation determines the apprehension of specific meanings in poems and narrative texts.

**Keywords:** Semiotics; Literary Text; Transdisciplinary; Polysemy; Interdiscursivity.

---

## 1. INTRODUÇÃO

*“O que nos força a pensar é o signo. O signo é objeto de um encontro; mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; ele é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento. A vida é como um espelho, quando sorrimos para ela, ela sorri para nós”.*

Gilles Deleuze -

Filósofo francês - Frases de Semiótica

Ao trazermos a este contexto os postulados da Semiótica narrativa e discursiva, o fazemos por entender que, ao lidarmos com o leitor contemporâneo nos cenários das práticas pedagógicas, o que se observa na maioria dos casos, principalmente nos estudantes que iniciam a graduação - e até mesmo nos já graduados - são relações de leitura nas quais o sujeito leitor posiciona-se como único. Neste caso, o diálogo entre sujeito autor e sujeito leitor deixa de existir, ou se torna

frágil. Necessário se faz termos em mente que a negação do outro decorre das dificuldades em compreender que ler implica em desmanchar o percurso elaborado pelo outro, retirando o conteúdo, o conjunto de ideias emanadas pelo texto.

Todo texto manifesta um plano de conteúdo através de um plano de expressão. BARROS (2005) salienta que o(s) sentido(s) do texto podem ser examinados através do plano de conteúdo sob a forma de um percurso gerativo, isto é, o leitor – enunciatário, passa por um processo de entendimento a partir do seu contato com a superfície do texto que pode ser constituído por material verbal e/ou não-verbal.

Em outros termos, o processo gerativo refere-se à produção do texto, na análise tenta-se recuperar, por meio da leitura, esse percurso que teria dado origem ao texto. É importante ressaltar que esse percurso não é uma fôrma onde os textos são submetidos, mas como mostra FIORIN (1997), “é um simulacro metodológico que nos permite ler, com mais eficácia, um texto”.

Segundo o autor,

“Esse modelo mostra aquilo que sabemos de forma intuitiva, que o sentido do texto não é redutível à soma dos sentidos das palavras que o compõem nem dos enunciados em que os vocábulos se encadeiam, mas que decorrem de uma articulação dos elementos

que o formam: que existem uma sintaxe e uma semântica do discurso”. (FIORIN, 1997, p.31).

## **2. Visão teórica geral para a prática da abordagem Semiótica à teoria literária**

Definida como ciência geral dos signos, a Semiótica discursiva francesa tem por objeto os processos de significação que constituem a linguagem, não se ocupando, a princípio, com a obra de arte literária, de modo específico. Decorre então que essa teoria não oferece aos que se dedicam ao estudo do texto poético ou de ficção, um modelo de análise voltado para suas características particulares.

A passagem dessa visão teórica geral para a prática da abordagem semiótica da literatura nem sempre se dá sem dificuldades. Mesmo a existência, entre nós, de autores que têm realizado brilhantemente essa aplicação, não significa que a trilha por eles aberta possa ser seguida sem percalços. A maioria dos seus achados interpretativos, embora fundada numa mesma concepção de linguagem, dificilmente funcionaria como fórmula a ser transposta para a leitura de outros textos, pois se refere a processos existentes apenas nos contextos em que foram identificados. Sobre essa característica da leitura semiótica, assim se posiciona uma pioneira de sua divulgação em nosso meio.

A semiótica de linha francesa delimita três níveis de análise do texto: o fundamental, mais profundo e elementar, em que se projetam categorias opostas; o narrativo, em que ocorrem as relações lógicas entre sujeito e objetos e, finalmente, o nível discursivo, mais complexo, em que se focalizam as estratégias de argumentação e persuasão mais diretamente ligadas ao plano enunciativo.

Será utilizado o nível discursivo para análise do texto escolhido, pois, sendo o discurso o local por excelência de desvelamento da enunciação e de manifestação dos valores assentados no texto, tal abordagem auxiliará como ferramenta para a busca dos seus sentidos e, principalmente, na investigação de como o texto é produzido através das estratégias de argumentação e persuasão. Também utilizaremos o nível fundamental em alguns momentos para percepção de categorias mais abstratas do texto.

Mas, é aí que está a novidade: munido dessa visão ampla, e atento à interação do icônico e do verbal, o semioticista focalizará o texto de uma perspectiva capaz de apreender os diálogos que se estabelecem entre as diversas formas artísticas: a literatura, o cinema, a música, as artes plásticas etc. E ainda quando se detenha exclusivamente na leitura do código verbal, a Semiótica buscará nele a transformação do simbólico (no caso, a palavra) em ícone, isto é, os meios pelos quais a obra literária,

*Revista Diálogos – Mar./Abr. – 2018 – N.º 19*

mais do que representar, presentifica o seu objeto. Para entendermos os modos possíveis como se opera, na linguagem literária, essa transformação, é necessário remetermo-nos, ainda que de forma sintética, a alguns conceitos elementares da teoria semiótica discursiva francesa.

### **3. Conceito de Semiótica aplicada à literatura**

Na literatura, é imediata a associação que fazemos com algumas experiências intersemióticas, como a das ilustrações que se integram às obras e traduzem visualmente o que dizem os textos, especialmente na tradição da literatura infantil. Entretanto, apesar de o termo imagem sugerir visualidade, ele pode estender-se aos signos de outra natureza, como os que se baseiam na sonoridade. Dessa forma, não apenas o aspecto gráfico dos textos, mas também as onomatopeias e todos os efeitos rítmicos expressivos codificados na linguagem escrita seriam exemplos de iconicidade imagética na literatura.

O conceito de texto ultrapassa os limites do código verbal e isso pode ser percebido na literatura. A linguagem atua na sensibilidade e na cognição do leitor para a concretização do livro. Pensando nestes instrumentos que muitas vezes faltam aos alunos, busca-se na semiótica em sua vertente francesa, representada por Algirdas Julien Greimas uma alternativa

teórica que torne o trabalho com o texto mais aprofundado. Segundo essa teoria, duas formas se complementam na definição de texto. De um lado, entendemos o texto pela sua organização ou estruturação que faz dele um todo de sentido, e de outro lado, levamos em consideração a comunicação que se estabelece entre um destinador e um destinatário.

Assim, (BARROS, p.24, 2005) mostra que o texto pode ser entendido de duas formas: a primeira como objeto de significação, encaminhando seu estudo para a análise dos mecanismos que o estruturam, ou seja, que tecem um todo de sentido.

A segunda concebe o texto como objeto de comunicação entre dois sujeitos, e a análise, nessa concepção, coloca o texto em relação ao contexto sócio histórico que o envolve.

Todo texto manifesta um plano de conteúdo através de um plano de expressão. (BARROS, p.69, 2005) salienta que o(s) sentido(s) do texto podem ser examinados através do plano de conteúdo sob a forma de um percurso gerativo, isto é, o leitor – enunciatário, passa por um processo de entendimento a partir do seu contato com a superfície do texto que pode ser constituído por material verbal e/ou não-verbal.

A corrente saussuriana se notabilizou pela análise dos signos linguísticos, enquanto os piercianos abriram sua análise



também para outras formas de representação. A palavra pedra está no lugar da coisa pedra.

Podemos dizer também que signo é tudo aquilo que representa uma coisa que não seja ele mesmo. Uma pedra é apenas uma pedra, um objeto, mas se uma empresa de construção convencionar que a pedra é seu símbolo, ela passa a ser um signo. A literatura é essencialmente polissêmica. A polissemia é que permite os trocadilhos, um recurso muito usado pelos poetas, por exemplo. E o que dizer da poesia? Pura polissemia.

Um aspecto importante da semiótica é a necessidade de intérprete. Só temos signos quando há pessoas para interpretá-los. Esse processo de transformação de coisas em símbolos é cultural e arbitrário. De repente alguém decide que algo vai representar tal coisa. Se pegar, aquilo passa a representar algo além dele mesmo.

#### **4. O leitor, texto e a semiótica**

A teoria semiótica procura examinar os procedimentos de organização textual, os mecanismos enunciativos de produção e recepção, tentando explicar o sentido do texto graças ao exame minucioso do plano de conteúdo. A partir da análise que será proposta aqui (conforme veremos na tabela no decorrer do texto)

gostaríamos de ressaltar alguns aspectos que tornam abordagem semiótica uma grande aliada no desenvolvimento do processo de leitura, pois desperta o aluno para a experiência estética, estimulando a imaginação e a análise crítica, tanto na recepção quanto na produção textual, além de oferecer ao professor parâmetros para analisar e avaliar a leitura em sala de aula.

#### **4.1 Tabela. 1 - Quadro teórico com uma proposta de ensino voltado à leitura semiótica**

**Com a leitura por meio da análise semiótica observamos os seguintes resultados:**

- Leitura dos sentidos do texto;
- Leitura profunda;
- Leitura das entrelinhas ou verticalizada;
- Análise do texto. Desvelamento (temas parciais a partir das personagens do texto);
- Informações explícitas e implícitas;
- Intenção da obra;
- Reflexão, desenvolvimento do raciocínio analítico (leitor crítico);
- Oposições semânticas.

*Fonte: Dados elaborados pelo autor do texto*

Nesta análise, apresentamos elementos para a leitura do poema “O bicho”, de Manuel Bandeira. Privilegiaremos os elementos internos, possibilitando a compreensão do texto por meio de dados intrínsecos. Isso significa que, pelo menos num primeiro momento, os alunos não precisarão ter conhecimentos aprofundados sobre o panorama sócio histórico da época em que a obra foi escrita, nem tampouco sobre a biografia do autor. Em compensação, é claro, o professor deve conhecer a teoria escolhida, para que, possa orientar o processo de leitura do poema. Assim como (GERALDI, p.38, 1984), citado anteriormente nesse trabalho, acreditamos na importância de o professor levar consigo uma teoria crítica para o encaminhamento das atividades em sala de aula. Munido de um instrumental teórico adequado, o educador não precisa ficar preso a roteiros ou a questões simplistas de livros didáticos.

## **5. Semiótica e literatura: Uma abordagem greimasiana na análise de textos literários**

Num segundo nível, podemos organizar esses dados concretos num plano mais abstrato: a construção poética inicia um discurso narrado em primeira pessoa e emprega o verbo no pretérito perfeito. Revela de imediato, tensão. O enunciatário fica em alerta para o que vem a seguir. O percurso narrativo vai mudando com a inserção de imagens. A tensão inicia-se com a

*Revista Diálogos – Mar./Abr. – 2018 – N.º 19* 483

figura (bicho) e continua na segunda oração com o adjetivo imundície. Um dos personagens do poema (o homem) se vê num estado tão lastimável, em situação tão miserável, que tem que se submeter a catar os restos que as outras pessoas deixaram. Passa a agir como um animal irracional, atendendo suas necessidades primárias. Geralmente não é visto pela sociedade; é um ser invisível. Marcas linguísticas: o uso do léxico catando e não escolhendo, e da palavra voracidade (ato animal diferente do ato humano de comer, degustação) define esse homem como um bicho, e daí percebe-se que o processo de construção do texto é metafórico, havendo uma ligação nos sentidos bicho x degradação humana.

### **5.1-Texto**

#### **O BICHO**

Vi ontem um bicho  
Na imundície do pátio  
Catando comida entre os detritos.  
Quando achava alguma coisa,  
Não examinava nem cheirava:  
Engolia com voracidade.  
O bicho não era um cão.

Não era um gato.  
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

**Fonte:** <http://rascunho.com.br/o-bicho-de>

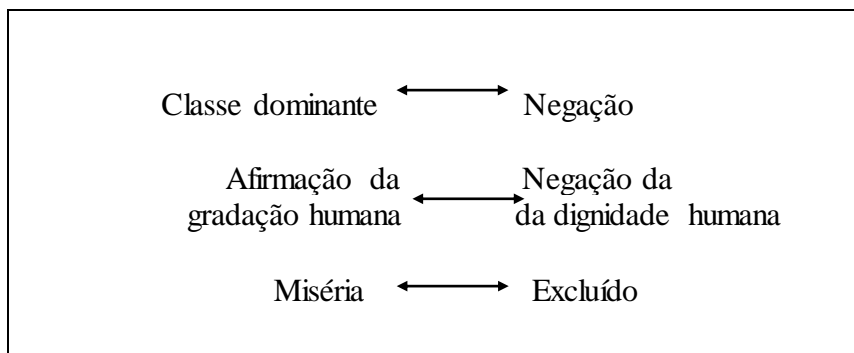
Para trabalhar com mais propriedade uma análise da leitura desse poema, sugerimos que inicie com a aplicação da metodologia semiótica. O Bicho, de Manuel Bandeira, presente em Poesia Completa e Prosa, é um poema com características do estilo modernista, com tema constante em suas obras, “o cotidiano”. É uma composição em versos livres. Em um primeiro nível, é possível destacar o seguinte significado: Riqueza x Pobreza: uma pessoa ia passando em algum lugar e viu alguém remexendo o lixo à procura de comida. E isso impressionou. Num segundo nível, podemos organizar esses dados concretos num plano mais abstrato: a construção poética inicia um discurso narrado em primeira pessoa e emprega o verbo no pretérito perfeito. Revela de imediato, tensão. O enunciatário fica em alerta para o que vem a seguir.

O percurso narrativo vai mudando com a inserção de imagens. A tensão inicia-se com a figura (bicho) e continua na segunda oração com o adjetivo imundície. Um dos personagens do poema (o homem) se vê num estado tão lastimável, em situação tão miserável, que tem que se submeter a catar os restos que as outras pessoas deixaram. Passa a agir como um animal irracional, atendendo suas necessidades primárias. Geralmente não é visto pela sociedade; é um ser invisível.

Marcas linguísticas: o uso do léxico catando e não escolhendo, e da palavra voracidade (ato animal diferente do ato humano de comer, degustação) define esse homem como um bicho, e daí percebe-se que o processo de construção do texto é metafórico, havendo uma ligação nos sentidos bicho x degradação humana. Num terceiro nível, podemos imaginar uma leitura ainda mais abstrata, que resume o poema em temas que se opõem.

Oposições semânticas:

## 5.2 - Tabela 2. / Quadro Semiótico



*Fonte: Dados elaborados pelo autor*

### 5.3 - Poema - 1. Ilustrativo

**O BICHO – MANUEL BANDEIRA**

Vi ontem um bicho  
Na imundície do pátio  
Catando comida entre os detritos.  
Quando achava alguma coisa,  
Não examinava nem cheirava:  
Engolia com voracidade.  
O bicho não era um cão,  
Não era um gato,  
Não era um rato.  
O bicho, meu Deus, era um homem.



Fonte:

<https://pt.slideshare.net/MirianSouza2/oficina-de-poemas>

### 5.4 - Interdiscursividade, Leitura e Semiótica - 1. Tirinha



Fonte: <http://www.andriciodesouza.com/2011/04/garfield-o-bicho.html>

A análise feita a seguir é apenas uma sugestão de leitura, que utiliza alguns instrumentos da semiótica greimasiana. Não se

trata de uma análise rigorosa, nem muito menos completa, mas apenas de uma atividade que pode ser executada pelo professor durante uma aula de leitura. Seguindo-se a este pequeno exemplo de análise, comentaremos a utilização deste mesmo poema através dos conceitos semióticos agora empregados no texto literário.

Entendemos texto como uma unidade mínima de significação, de modo que o leitor assume um papel ativo na constituição dos sentidos do texto, uma vez que esses sentidos dependem da sua atuação sobre o livro. Os significados constituem-se por meio de sua compreensão.

Sugestões a seguir ajudam o professor como trabalhar o texto literário em sala de aula pelos princípios da perspectiva semiótica aplicada na leitura semiótica: leitura dos sentidos do texto; leitura profunda; leitura das entrelinhas ou verticalizada; análise do texto. Desvelamento (temas parciais a partir das personagens do texto); informações explícitas e implícitas; intenção da obra reflexão, desenvolvimento do raciocínio analítico (leitor crítico) oposições semânticas.

Portanto, consta-se que o livro possui em sua estrutura elementos de modalização do sujeito leitor, que é provocado para um fazer transformador, tanto do texto como do leitor. Cria-se um todo articulado por diferentes unidades de significação, para engendrar sentido.



Esse que se constitui pelo ato gerador de significar, supera a recepção e a percepção, e instala um sujeito semiótico, resultante da organização discursiva do texto. Após a uma primeira leitura do texto e apoiado no percurso gerativo proposto pela semiótica greimasiana, o professor pode, sem muita dificuldade, enfocar o nível das estruturas fundamentais. Esse patamar determina o mínimo de sentido para a construção do discurso, portanto o nível mais simples e abstrato do percurso gerativo. Conforme (BARROS, 1999, p.77), o nível fundamental é o patamar no qual uma rede de relações se reduz a uma única relação que é a de oposição entre dois termos. Em *O bicho*, a oposição de termos predominante é o de animalização versus humanização. Desde a escolha do título e durante todo o poema, o enunciador narra um fato como se estivesse falando de um animal. Essa expectativa é quebrada no último verso, quando ficamos sabendo que se tratava de um homem.

O nível seguinte, o narrativo, caracteriza-se por uma transformação centrada em dois estados sucessivos e diferentes. “Isso significa que ocorre uma narrativa mínima, quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final”. (FIORIN, 1989, p. 21). Esse patamar se constitui de dois tipos de enunciados: o primeiro, o de estado, se caracteriza por estabelecer uma relação de junção entre um sujeito e um objeto.

*Revista Diálogos – Mar./Abr. – 2018 – N.º 19* 489

Isto é, há um sujeito que está disjunto ou conjunto com o seu objeto. O “BICHO” é a história de um sujeito (homem) que está em disjunção de seu objeto valor: a comida.

Pressupomos isso, porque o texto nos diz que esse sujeito está “catando comida entre os detritos”, e que, o que achava, “não examinava nem cheirava: engolia com voracidade”. Podemos também afirmar que, em certo momento, esse sujeito passa a estar em conjunção com o seu objeto valor (comida), pois, o que encontrava, comia com avidez. Nesse momento, podemos identificar o segundo enunciado: o de fazer. Esse tipo de enunciado se caracteriza por mostrar transformações.

No nosso caso, um sujeito, inicialmente, se encontra em disjunção do alimento e, num segundo momento, está em conjunção do alimento.

A articulação dos vários enunciados que constituem o texto formam as sequências narrativas. Dentro dessa estrutura os enunciados podem ser agrupados em quatro fases distintas, conforme (FIORIN, 1989, p.22):

- a) Manipulação: Quando um sujeito, entendido aqui não só com pessoa, age sobre o outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa;
- b) Competência: O sujeito é dotado de um saber e/ou poder fazer para realizar a transformação;

- c) Performance: Momento em ocorre mudança de um estado para outro;
- d) Sanção: É a constatação de que a transformação de fato aconteceu.

No texto em questão, o manipulador é a própria fome, fazendo com que o sujeito pegue comida entre os detritos. Podemos dizer que esse sujeito-operador é um sujeito competente, pois sai em busca do alimento. A performance é vista quando o sujeito da ação encontra a comida: ‘quando achava alguma coisa, não examinava nem cheirava. E a sanção é positiva, porque o sujeito encontra o que está procurando: a comida. “As estruturas narrativas convertem-se em estruturas discursivas quando assumidas pelo sujeito da enunciação”’. (BARROS, 1999, p.53).

Ele faz uma série de escolhas de pessoa, tempo, espaço e figuras para contar a história. Estabelece-se, também, um contrato no qual o enunciador determina como o enunciatário deve interpretar o discurso: como sendo verdadeiro ou falso. Neste caso, o enunciador construiu no discurso um dispositivo veridictório, atando-o um homem, tempo e lugar que o leitor reconhece como “reais” ou “existentes”. O sujeito da enunciação do poema de Manuel Bandeira é assumido pelo narrador que realiza um fazer persuasivo, levando o leitor a crer na “verdade”

do texto. Para isso, cria um efeito aproximação ao usar a primeira pessoa, produzindo uma debreagem enunciativa, e de imparcialidade, por manter anônimo o ator. “O bicho” apresenta um discurso predominantemente figurativo, de forma que todos os temas presentes são representados por figuras do mundo real.

Assim, os temas, cujos valores são abstratos, concretizam-se por meio de recursos semânticos figurativizados pelo sujeito da enunciação para criar os efeitos de realidade no texto. O tema central do poema é a fome, situação vivida por milhares de serem humanos, muitos dos quais em condição infra-humana. No texto, isso é figurativizado a partir das imagens que o enunciador vai evocando ao confundir o homem com animais, primeiramente com o cão, depois com o gato e, por fim, com o rato.

Paralelamente ao programa narrativo que põe em contato o sujeito “catador” com o objeto “comida”, há um programa de reconhecimento, em que o enunciador assume a posição de sujeito do fazer e sujeito de estado conjunto com um saber: o ser que procura comida entre os detritos é um homem, e não um bicho. Nesse programa, o sujeito, que interpretava anteriormente como verdadeira à condição de /animalidade/, a partir de um /parecer/, passa a interpretá-la como falsa. No entanto, mesmo afirmando o estado /humano/, o enunciador reafirma o /parecer/

(bicho), ao manifestar sua surpresa – e indignação – diante dessa revelação, por meio da expressão “meu Deus”.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Do esquema teórico que resumimos, bem como dos exemplos comentados, esperamos que tenham cumprido o objetivo de apresentar alguns conceitos provenientes da Teoria Geral dos Signos como ferramentas comprovadamente aplicáveis a uma abordagem crítico-analítica do texto literário, não apenas para confirmar tal aplicabilidade, mas principalmente para descrever um instrumental capaz de auxiliar-nos na compreensão desse gênero de textos.

As categorias aqui aplicadas apontam caminhos, mas não nos fornecem fórmulas para descrevermos a literariedade. Isto quer dizer que, em face dos exemplos apresentados, não nos parece produtivo atrelar restritivamente o conceito de linguagem literária a qualquer dos três modos de representação aqui descritos. Por essa razão, preferimos tratar da ênfase circunstancial em cada uma dessas formas, observando que cada uma delas suscitará efeitos de leitura distintos.

A aquisição de conhecimentos mais aprofundados e o desenvolvimento de uma percepção individual crítica, como vemos, é fundamental para uma melhor interpretação da obra

literária e isto só é possível através da semiótica. É notória a importância do trabalho de pesquisa mais aprofundado sobre as significações subjacentes ao texto.

Por fim, este estudo colaborou de forma significativa para o aprimoramento da autora deste trabalho. E “o exercício semiótico” sempre colabora com nosso amadurecimento de modo geral.

## **REFERÊNCIAS**

BARROS, D. L. P. de. **“De la perfection”**: duas reflexões. In: LANDOWSKI, E; DORRA, R.; OLIVEIRA, A. C. (Eds.). *Semiótica, estesis, estética*. São Paulo: EDUC/Puebla: UAP, 1999, p. 119 - 123.

\_\_\_\_\_. De. Estudos do discurso. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística II (princípios de análise)**. São Paulo: Contexto, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. **Teoria do Discurso: Fundamentos Semióticos**. 03. ed. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2002.

BARROS, Diana Luz Pessoa. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.

FIORIN, José Luiz. **“A Noção de Texto na Semiótica”**.

In: Organon / Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, URGs, Porto Alegre: Faculdade de Filosofia, 1995. Vol. 09, nº 23.

FIORIN, J. L. (1988). **Linguagem e ideologia**. São Paulo, Ática.

\_\_\_\_\_. (1989). **Elementos de análise do discurso**. São Paulo, Contexto/EDUSP.

\_\_\_\_\_. (1996). **As astúcias da enunciação**. São Paulo, Ática.

\_\_\_\_\_. (2000). Fruição artística e catarse. Letras. **Revista do Curso de Mestrado em Letras da UFSM**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 20; 11 - 38 Janeiro/Junho de 2000.

FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1993.

FIORIN, José Luiz. **Elementos da análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1997.

GERALDI, João Wanderley. 1984. Unidades básicas do ensino de português. In: **O texto na sala de aula: leitura & produção**. 04. ed. Cascavel: ASSOESTE. p.49 - p.69.

SILVA, F. M. **Leitor: de destinatário a destinador**. Estudos Linguísticos (São Paulo), v. 01, p. 89 - p.98. 2006.